

Caverna dos sonhos esquecidos

Roberto Calil Jabur¹

Resumo: O autor, com base no filme *Caverna dos sonhos esquecidos*, de Werner Herzog, e na obra de Bion *Uma memória do futuro*, escreve sobre as teorias e aspectos práticos em torno do conceito do pensar e dos pensamentos selvagens envolvidos nas memórias de guerra de Bion.

Palavras-chave: Herzog, sonhos, pensamentos selvagens, Bion

Na caça mataram um tigre. Trouxeram seu corpo para o acampamento. Sua companheira veio buscá-lo. Durante duas noites seguidas o acampamento foi rodeado por tochas de fogo acesas para mantê-la afastada. Com sua grande cabeça e boca dirigida para a terra, bramou por seu réquiem. Meu MEDO se transformou em temor reverencial com se quase, do interior de nossa tenda surgira uma grande tosse, e depois o rugido dolente da tigresa. Todas essas noites e as seguintes continuaram nesse episódio, até mesmo nossos valentes cães tremiam, latiam e se encolhiam de medo.

...

me pus a me arrastar pelas peças destruídas e dispararam com uma metralhadora. Este lugar havia me subjugado tanto, que me aliviava a existência de um ser humano ali comigo. Comecei a me arrastar para trás com as pontas dos pés.

Me sentia melhor quando enterrava minha cabeça no barro ... depois que considere um breve intervalo, comecei a me arrastar com as pontas dos pés. Desta vez a resposta foi imediata, pois era fogo de rifle ... esquecendo as recomendações, me arrastei para trás tão rápido quanto possível. Estava empapado de suor e tremia todo meu corpo. Estranho. Não tinha ideia de onde estava o atirador, mas, pela primeira vez, me senti em combate com uma pessoa que estava tratando de me matar diretamente.

1 Membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSB).

Dois episódios. O primeiro, aos 9 anos, com a caçada em sua homenagem. E aos 19 anos, como capitão de unidade de tanque na Primeira Grande Guerra.

Pensamentos selvagens. Memórias. Memória sonho. Sem memória. Sem compreensão. Sem desejo. Pensamento civilizado. Pensamento selvagem.

Nas experiências de vida como encarnação de vivências de dor, medo, compaixão, assim como no episódio da morte do pai, Freud pensou a elaboração da teoria edípica. A morte acidental de um dos filhos de Klein levou-a à construção de todo um alicerce para a psicanálise contemporânea.

Em *Uma memória do futuro* (Livro II, “O passado apresentado”) há um diálogo que dá pistas para esse *Domar pensamentos selvagens*:

P.A. – A frase aprendida de cor encobre o ponto mais importante. O decorar doloroso, consciente, é transferido para domínios que não são conscientes – como os sistemas nervoso e muscular, subtalâmicos.

Doutor – Existe alguma evidência para isso.

P.A. – Não existe nenhuma evidência fisiológica. No presente contexto, “subtalâmico” é uma maneira pictórica, conveniente, de passar para meu sistema proprioceptivo aquilo que aprendi conscientemente...

Mas a única caçada que poderia ombrear com os nossos pesadelos seria nos vastos desertos onde aquelas criaturas terríveis e perigosas vagueiam, e que nos são dadas a conhecer apenas pela pálida iluminação da luz do dia e do pensar acordados, como sendo as “respostas”, “dogmas”, “fatos científicos”, “triângulos”. Existe uma série de animais fascinantes que incluiria no meu zoológico psicanalítico – caso pudesse ter a certeza de que eles não iriam escapar e ficar vagueando pelo mundo afora como a última (e mais bonita) novidade, o fato mais recém-nascido de todos.

Alice – Ah, mostre-me o seu zoológico, vá! Como são eles? Você conseguiu me atrair.

P.A. – Permitam me ciceroneá-los pelas jaulas do meu zoológico psicanalítico. Os nomes são um tanto proibidos, é lógico. Mas as criaturas são maravilhosas e horrorosas. Ah! Eis aqui a verdade absoluta – um animal

ferocíssimo que clareou mais matérias escuras e tampou mais buracos negros do que vocês jamais imaginariam ser possível.

Bion se interessa pelas representações oníricas como são e o que são, não têm sombra, profundidade ou dimensão poética e descosem e inundam o sonhador com pensamentos impensáveis, porém, alucinatoriamente presentes, tais como “Meu braço caiu e era isso, ele estava lá, caído” (1967). Bion diz que “o ato de fé tem como pano de fundo alguma coisa que é inconsciente e desconhecida porque não aconteceu” (1967, p. 34).

Eigen diz que Bion vê fé “não apenas como a condição de possibilidade da psicanálise, mas como seu princípio metodológico primário” (1981, p. 55). Bion enriquece o conceito de experiência emocional, advindo das diferentes formas em que elas podem ser apreendidas por nós.

Em *Transformações* foram incluídas formas de funcionamento mental que estão além do conhecer/não conhecer, pela elaboração das emoções do analisando.

Traz para nosso conhecimento as dimensões da alucinação, do ser ou tornar-se a realidade e, além disso, destaca as dimensões dos pensamentos sem pensador e da mente primordial. A sessão passa a depender das condições do analista de formar pensamentos com base na experiência emocional vivida. O analista elabora sua experiência emocional vinda do contato com elementos não simbólicos ao construir representações estranhas ao processo habitual de conhecimento – dando forma aos seus pensamentos para a comunicação ao analisando.

Brasília, 1975. Supervisão S6 JAJM R.P

Diálogo que abre a perspectiva a esse precioso fundamento da técnica em Bion:

P. – Onde o senhor obtém ou consegue essa contribuição no material do analisando?

Bion – Parcialmente devido à experiência que tive, me leva a sentir (feel) que estou familiarizado com pessoas que se comportam dessa forma. Portanto, isso depende de duas coisas: parcialmente do que sei sobre mim mesmo e o

que sou capaz de suportar, tolerar, aguentar; a outra coisa, o que penso que sei sobre a raça humana. (1979, p. 53)

Em *Conversando com Bion* (Bion, 1992b, p. 119), outro diálogo completa-se com o anterior:

P. – Eu não tinha certeza se você estava dando respostas ou fazendo interpretações.

Bion – Todas são interpretações de impressões; tenho uma impressão, a qual exponho e então traduzo-a, em termos verbais. Só que, em relação a isto, fico dependente do meu aparato sensorial e de interpretar o que meus sentidos me contam.

São realidades que se impõem à mente sem o intermédio do trabalho de elaboração do pensador e a registros protomentais centrencefálico-adrenais de nossa herança como espécie e experiências pré-natais do indivíduo.

Não se pode simplesmente idealizar a rivalidade, o ciúme. A coisa “selvagem”, a coisa viva, causa estragos nos esquemas idealizados. Modificar estruturas externas pode trazer benefícios, mas, sem uma profunda mudança psíquica interna, cenários tribais autocentrados e violentos irão se manifestar.

Por exemplo, o mito da Torre de Babel. As pessoas trabalhando juntas para construir uma torre para o paraíso. Quem não quer alcançar o paraíso? Parece uma coisa boa a se fazer, construir uma torre para entrar em contato com Deus. Construir como uma atividade cooperativa, vincular, pessoas trabalhando juntas. Por alguma razão, Deus não gosta disso e destrói a torre. O que parece ser uma boa intenção, ligar-se a Deus e aos outros, transforma-se em um desastre. Pessoas no caos, perda da linguagem comum, conexões perdidas, unidades perdidas. A dispersão e a fragmentação se espalham. O que podemos pensar a respeito?

Cuidado com as unidades? As unidades são perigosas? As unidades se rompem. As unidades explodem. Nós somos marcados por uniões explosivas? Por uma alternância entre conexões que se formam e se quebram? Um lembrete de que sempre há diferença, assim como união? Onde há união, a diferença se afirma (e vice-versa?).

Bion pergunta: o que as pessoas fizeram para merecer essa punição? Elas estavam se conectando, trabalhando juntas, e uma força destrutiva as detém. Bion chama atenção para essa força destrutiva na vida humana.

O verbo TORNAR-SE é fundamental em Bion. De duas maneiras: uma é sinônimo de evoluir, o analista deve-se tornar o analisando, ou seja, permitir-se digerir e assimilar. Assim nos tornamos a experiência emocional que o paciente, consciente e inconscientemente, transmite para nós. Nesse campo da experiência emocional surge o Pensamento selvagem.

Todos esses aspectos produziram um discurso desafiador que, com frequência, na proximidade de entendê-lo, nos faz tropeçar em um pensamento selvagem, que nos envia de volta para a estaca zero. Parece que Bion está sempre à nossa frente, desaparecendo de nossa visão. Ou como um caleidoscópio, a cada mirada, uma nova configuração.

É necessário ir mais profundamente, ir além de seus escritos, nos deixar levar pelo sentido gerador de sua obra que se instala em nossa própria experiência: o renascimento da psicanálise em cada nova sessão e em cada nova leitura. Precisamos ter pensamentos selvagens para acompanhar esse sentido fundador. A turbulência e a complexidade nos devolvem para o sujeito criativo versus o repetir de tecnologia.

Bion escreveu que a psicanálise deveria ser o reservatório de pensamentos selvagens a nos salvar da mesmice do pensamento civilizado. É justamente no pensamento selvagem que a espécie evolui. O mais antigo é o mais avançado. Entremeando, temos o estabelecido, o conhecido, o determinado.

Em *Seminários italianos*, não faltaram manifestações explícitas de insatisfação e uma evidente exasperação diante da forma com que Bion enuncia suas ideias e o conteúdo destas. Vejamos no capítulo sexto a transcrição da fala de um participante:

A abertura do discurso de ontem do dr. Bion me pareceu muito bonita como imagem. Poderíamos esperar ver os pensamentos selvagens passeando pela sala. Mas, depois, eu me perguntei: esses pensamentos são uma emanção do Espírito Santo, ou, não sendo, o que é que nos está dizendo o dr. Bion?

Esperei então que nos resolvesse o mistério do início do Evangelho de João, que nos dissesse onde estava o verbum e que nos ajudasse a entender como ele se fez carne. Mas todo o resto do discurso não me ajudou nisso, e, sobretudo, a longa e meticulosa investigação sobre a trabalhosa aquisição da linguagem pelo homem, a partir do grunhido, me desorientou. Em suma, Deus, ou o que seja, grunhe ou fala?

Bion responde:

Não posso responder a essa pergunta, mas podem ver a resposta por sua conta: porque, ou tampo minhas orelhas de modo a não ouvir tanto barulho e não ouço suas perguntas, ou posso me levantar e sair da sala. Efetivamente, com a quantidade de experiências que tenho, sou perfeitamente capaz de ser surdo ou cego a tudo aquilo que não quero ver, sem fechar os olhos nem tampar os ouvidos...

Vocês estão livres para utilizar a sua capacidade de discernimento e livres para pensar o que quiserem da minha reação... Quando alguém é capaz de exprimir uma formulação apocalíptica, como as 'Revelações de São João', depende do fato de que haja alguém pronto para ouvir no momento em que o indivíduo é capaz de transformar os próprios pensamentos e sentimentos em expressão verbal.

Em vez de continuar a querela proposta pelo participante, Bion recita de memória o poema de Milton do Livro III do Paraíso perdido:

Já não me encantam da manhã e da tarde
As suaves e pinturescas perspectivas
Da primavera e do verão as flores
Nem mansas greis, nem gordos armentios.
Nem o ar divino do semblante humano
E, em vez de tais belezas, me circunda.
Nuvem cerrada, escuridão perene.
Que as avenidas do saber me entope
Mostrando-me somente, em tábua rasa.
Um vácuo universal, sem cor, sem formas.
Donde, para jamais me aparecerem.
Da Natureza as cenas se apagaram:

Adeus, ó livros, de sapiências fortes!
Adeus, ó grande livro do Universo!
Mas tu, eterna luz, poção divina,
Com tanta mais razão me acode e vale:
Brilha em minha alma, nela olhos acende.
As faculdades todas lhe ilumina
E de nuvens quaisquer a desassombra
A fim de que eu livremente veja e narre
Cenas que à vista dos mortais se escondem.

Podemos considerar que há uma fragmentação do vínculo entre conhecimento e o surgimento de intensas vivências de ameaça, violência, agressividade e atuação franca determinando perplexidade e confusão entre os elementos do grupo.

Então, podemos considerar o episódio como tendo havido ali a intervenção de um pensamento, mas creio que o determinante foi a emoção do participante, que sentiu a intervenção de Bion como um pensamento selvagem, avassalador, ameaçador, violento, agressivo, destrutivo, determinando uma resposta violenta que paralisou o grupo de trabalho. Não houve propriamente o tempo para haver um pensamento, e sim para a reação emocional, embora a sua resposta tivesse consistência e clareza.

Bion, principalmente em suas supervisões, encarece a importância do pensamento selvagem, possivelmente como fonte original de criatividade, e convida os presentes a participar externando seus pensamentos selvagens. Li inúmeras supervisões, uma centena pelo menos; a meu ver, raramente o seu convite surtia o efeito desejado, talvez pelo que estou considerando, ou seja, a emoção selvagem. Suponho que em situações como essas, em que se está em contato com Bion, emoções violentas como as do temor reverencial, o receio de se intervir com sentimentos e ideias que possam ser consideradas como insignificantes, levam os presentes a considerar sua participação como o que, na terminologia de Bion, seria o temor à mudança catastrófica

Bion em seus seminários repete para que não tenhamos aquilo que é o mais insignificante e mais simples, pois ali está na maioria das vezes a essência de nosso trabalho.

Com a obra de Bion o psicanalista foi lançado na mesma tarefa do pensador. A sua tarefa não é dar respostas, nem formular teorias, mas examinar as irrupções das diversas respostas e das muitas teorias em seus respectivos pressupostos de sustentação. O pensador precisa ter e acolher pensamentos selvagens. Na conhecida fórmula socrática “sei que nada sei”, o pensador de fato vive, em tudo o que aparece, o não saber. Pois pensar não é saber. Quando se pensa não se pretende saber, e quando se pretende saber não se pensa. O pensador é aquele que não cessa de questionar as raízes em que se encontram e desencontram numa encruzilhada patrocinada pela busca da verdade, os caminhos do tornar-se, do ser e do não ser.

Encerro minha fala com uma frase de Bion: “Uso alfa como um ninho, esperando que pássaros de significados possam pousar nele”.

Cueva de los sueños olvidados

Resumen: El autor con base en la película *Cueva de los sueños olvidados*, de Werner Herzog y de la obra de Bion *Una memoria del futuro*, escribe sobre las teorías y aspectos prácticos alrededor del concepto del Pensamiento y de los pensamientos salvajes involucrados en las memorias de guerra de Bion.

Palabras claves: Herzog, sueños, pensamientos salvajes, Bion

Cave of forgotten dreams

Abstract: The author based on the Werner Herzog's film *Cave of forgotten dreams* and Bion's book, *A Memory of the Future* writes about the theories and practicalities surrounding the concept of Thinking and the wild thoughts involved in the war memoirs of Bion.

Keywords: Herzog, dreams, wild thoughts, Bion

Referências

- Bion, W. R. (1988). *Attention and interpretation*. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1970)
- Bion, W. R. (1991). *A memoir of the future*. London. Karnac (Trabalho original publicado em 1977-1979)
- Bion, W. R. (1967). *Second Thoughts*. London: Heinemann.
- Bion, W. R. (1992a). *Cogitations*. London: Karnac.
- Bion, W. R. (1992b). *Conversando com Bion*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W. R. (2017). *Domesticando pensamentos selvagens*. São Paulo: Blucher.
- Eiguen, M. (1981). The area of faith in Winnicott, Lacan and Bion. *International Journal of Psychoanalysis*, 62, 413-433.
- Herzog, W. (2010). *Caverna dos sonhos esquecidos*. New York: IFC Films.

Roberto Calil Jabur
cajabur@gmail.com

